



OBSERVATÓRIO
ENSINO DA
LÍNGUA INGLESA

Mapeamento de
boas práticas em
gênero e raça
no ensino da
língua inglesa



Ficha Técnica

Andrew Newton

Diretor Brasil

Diana Daste

Diretora de Educação

Cíntia Toth Gonçalves

Gerente Sênior de Inglês

Patrícia Santos

Gerente de Projetos de Inglês

Liliana Guimarães

Gerente de Projetos de Inglês

Fernanda Rebelato

Gerente de Projetos de Inglês

Tawany Santos

Analista de Projetos de Inglês

Juliana Ferreira

Gerente de Marketing Digital

Amanda Ariela

Analista de Marketing

Equipe de Pesquisa e Produção

Stephania Klujsza

Pesquisa

Disarme Gráfico

(Bruno Ventura, Daniel Ventura, Bruno Gentil, Marina Hirakawa, Andressa Liebermann, Mario Veronessi, Diego Gomes)

Desenvolvimento web, projeto gráfico, diagramação e edição de vídeo

Fernanda Cupolilo

Revisão

©Todo o conteúdo desta publicação está disponível sob a Licença de Atribuição Creative Commons (CC BY-NC-SA 4.0). Exceto quando indicado, todas as fotos nesta publicação são © British Council.

British Council Brasil

Rua Ferreira de Araújo, 741 Pinheiros, São Paulo – SP, Brasil

www.britishcouncil.org.br

O British Council é a organização internacional do Reino Unido para relações culturais e oportunidades educacionais. Construimos conexões, entendimento e confiança entre o povo do Reino Unido e o de outros países por meio das artes e cultura, educação e língua inglesa. No ano passado, alcançamos mais de 80 milhões de pessoas diretamente e mais de 791 milhões ao todo, incluindo conteúdos digitais, publicações e transmissões em rádio e TV. Fundado em 1934, somos uma UK charity governada por Royal Charter, assim como um órgão público do Reino Unido. Cerca de 15% de nossos fundos são subsidiados pelo governo britânico.

Foto da capa: Halfpoint | Shutterstock

Observatório para o Ensino da Língua Inglesa



O Observatório para o Ensino da Língua Inglesa (inglesnasescolas.org) é uma plataforma lançada em dezembro de 2020, uma iniciativa pioneira no mundo, que se soma às demais ações do programa do governo britânico **UK-Brazil Skills for Prosperity** para apoiar mudanças e fortalecer o ensino de qualidade do inglês, com foco nas redes públicas de educação e com um olhar especial para a promoção de equidade social e de gênero.



Drazen Zigic | Shutterstock

A plataforma reúne conteúdos originais e de curadoria sobre o ensino e a aprendizagem de inglês, buscando os melhores materiais entre publicações, pesquisas, experiências, recursos e tendências no ensino da língua inglesa. Na expectativa de favorecer inspirações para os professores que anseiam por perspectivas diferentes, dados e informações para a prática do ensino de inglês no Brasil.

British Council

O British Council é a organização internacional do Reino Unido para relações culturais e oportunidades educacionais.




80 milhões
de pessoas diretamente alcançadas


791 milhões
de pessoas impactadas no total


100 países
com a presença do British Council aproximadamente

Construímos conexões, entendimento e confiança entre o povo do Reino Unido e o de outros países por meio das artes e cultura, educação e língua inglesa. Em 2021, alcançamos mais de 80 milhões de pessoas diretamente e mais de 791 milhões ao todo, incluindo conteúdos digitais, publicações e transmissões em rádio e TV. Fundado em 1934, somos uma UK charity governada por Royal Charter, assim como um órgão público do Reino Unido.

Sumário

O acesso ao ensino da língua inglesa no Brasil	6
Gênero e raça em sala de aula: boas práticas para a transformação	8
As experiências de docentes em sala de aula	10
A pandemia de COVID-19 e o acesso ao ensino de inglês	31
Os desafios enfrentados por docentes no ensino da língua inglesa	33
Expectativas para o futuro	36

- 11 Formação de docentes para o letramento racial crítico — **Marieli de Jesus Pereira**
- 13 Sala de aula como um espaço seguro para alunas e alunos — **Gabriel Mota**
- 15 A importância das narrativas para a discussão racial — **Joelma Santos**
- 17 Inglês como ferramenta de humanização — **Délvia Fox**
- 19 Representatividade de pessoas negras no ensino de inglês — **Cecília Gusson**
- 21 O ensino de inglês como possibilidade de sensibilização para o sofrimento humano — **Dánie Jesus**
- 23 Literatura afrocentrada para um futuro melhor — **Diná Todão**
- 25 Experiências pessoais que inspiram a prática em sala de aula — **Magna Silva**
- 27 Conhecimento para a transformação social — **Djair de Souza**
- 29 A sala de aula como um espaço social: enxergando brechas — **Matheus Utim**

O acesso ao ensino da língua inglesa no Brasil



Segundo dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2019, quase 1,1 milhão de crianças e adolescentes em idade escolar obrigatória estavam fora da escola. Entre as faixas etárias mais afetadas, estão as crianças entre quatro e cinco anos e jovens entre 15 e 17 anos de idade. A exclusão escolar não é uma novidade; sabemos que ela tem classe e cor, já que são as crianças e adolescentes pobres (em sua maioria, pretos, pardos e indígenas) que compõem o grupo com menor acesso à educação no país. Com a pandemia de COVID-19, dados do IBGE mostram que, em 2021, houve um aumento de 171,1% no número de crianças e jovens entre seis e 14 anos fora da escola em relação ao mesmo período de 2019.



1,1 milhão

de crianças e adolescentes
estavam fora da escola
em 2019

No caso do ensino da língua inglesa no Brasil, há diversos desafios a serem enfrentados; as realidades são variadas de acordo com os estados e municípios. Entretanto, as professoras e os professores que serão aqui apresentados relatam questões muito semelhantes: pouco tempo de aula por semana, grande número de estudantes, falta de recursos e estrutura nas escolas e dificuldade para encontrar materiais didáticos que dialoguem com a realidade das crianças.

 **61,49%**

dos docentes não receberam formação complementar acima de 80h

Outro ponto fundamental para essa discussão é a política para a formação docente: segundo dados do Censo Escolar da Educação Básica de 2020, menos de 30% das mais de 985 mil turmas de língua inglesa têm docentes de inglês com a titulação exigida pela lei brasileira. Além disso, a formação complementar também carece de atenção, pois 61,49% dos docentes indicaram não ter recebido formação complementar acima de 80 horas.

Mesmo antes da obrigatoriedade da oferta de língua inglesa, instaurada a partir da lei 13.415/2017, o inglês já era oferecido em 73% das turmas de educação básica nas escolas públicas do Brasil. Apesar de a oferta ser ampla, ela ainda é desigual, principalmente quando olhamos para a etapa em que o idioma não é obrigatório, isto é, os anos iniciais do ensino fundamental. A rede privada, a terceira maior no Brasil, é a que tem a mais expressiva oferta de turmas de língua inglesa para os anos iniciais do ensino fundamental, totalizando 53,35% das turmas.

 **53,35%**

da oferta de turmas de língua inglesa do Fundamental I é da rede privada

Fontes:

<https://www.inglesnascolas.org/wp-content/uploads/2021/11/Resumo_Executivo_Observatorio.pdf>

<<https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf>>

<https://www.inglesnascolas.org/wp-content/uploads/2022/02/PolicyPaper_Formacao-Docente-Observatorio2022.pdf>

<<https://todospelaeducacao.org.br/noticias/pnad-levantamento-do-todos-mostra-primeiros-impactos-da-pandemia-nas-taxas-de-atendimento-escolar/>>



FG Trade | iStock

Gênero e raça em sala de aula: boas práticas para a transformação

A importância das questões de gênero e raça na nossa sociedade se apresenta cada vez mais urgente. Na educação, essas temáticas têm significativas implicações para o dia a dia da escola, para a experiência escolar de estudantes e seus processos de construção de identidade.

Compreendendo a importância e necessidade da multiplicação das boas práticas em sala de aula, o British Council apresenta, através do Observatório para o Ensino da Língua Inglesa, o **Mapeamento de boas práticas em gênero e raça no ensino da língua inglesa**.



Foram realizadas entrevistas em profundidade com dez professoras e professores de inglês de todas as regiões do Brasil, para conhecer as suas histórias, como desenvolvem as temáticas em sala de aula e inspirar mais docentes nessa jornada.

Entre janeiro e março de 2022, conhecemos as experiências de docentes do Mato Grosso, Amazonas, Rondônia, Bahia, Pernambuco, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná. E mesmo com a pluralidade das realidades, elas e eles acreditam no inglês como uma contribuição para a transformação social.

São professoras e professores que lecionam inglês para as turmas de Fundamental I até o Ensino Superior, incluindo ensino técnico e Educação de Jovens e Adultos (EJA), em instituições públicas. Compreendendo a necessidade das discussões que envolvem gênero, raça, letramento racial, representatividade das pessoas negras e a importância do contexto estudantil para o processo de aprendizagem, as professoras e professores mobilizam, para tanto, diferentes recursos em sala de aula.

É a partir de oficinas, cursos de extensão, festivais, exposições, rodas de conversas, atualidades, artes, memes da internet e referências à cultura regional que se busca estimular o pensamento crítico das alunas e dos alunos.

As experiências de docentes entrevistados nos mostram que é possível perceber mudanças no comportamento de estudantes, seja no relacionamento com colegas ou professoras e

professores, na reflexão sobre seus próprios atos, na apropriação da sua identidade ou até mesmo na segurança para se expressar em sala de aula.

São diversas histórias e boas práticas de professoras e professores que buscam, com dedicação, compartilhar informação e conhecimento com seus estudantes e que aqui serão apresentadas.



Syda Productions | Shutterstock

As experiências de docentes em sala de aula

Conheça as dez experiências de boas práticas em gênero e raça no ensino da língua inglesa.



FG Trade | iStock

”

É importante fortalecer a autoestima do aluno e fazê-lo acreditar que ele também é capaz de se apossar dessa língua e se defender com ela.

Formação de docentes para o letramento racial crítico



Marieli Pereira

Salvador – Bahia

Leciona inglês para turmas de Fundamental II e Ensino Médio

Marieli Pereira é doutora em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e tem vasta experiência no ensino de inglês, pois lecionou em instituições públicas e privadas em diversas etapas, da Educação Infantil à pós-graduação. Já durante a sua graduação, Marieli começou a se incomodar com a falta de representatividade das pessoas negras. Inicialmente, buscava, de forma intuitiva, trazer referências de personalidades negras para a sala de aula, fora do eixo EUA e Inglaterra, mostrando outras formas de se falar inglês.



Prática

Há dez anos, Marieli desenvolve questões de gênero e de letramento racial crítico com estudantes da rede pública. Em sua prática, a professora busca que as turmas se reconheçam nas propostas, analisando filmes, séries, músicas e apresentando personalidades negras. Todo ano, Marieli desenvolve um festival para as turmas de Ensino Médio, em que alunas e alunos devem produzir materiais representativos de pessoas negras a partir de uma obra de Shakespeare, sempre focados no contexto em que vivem. Com essa perspectiva, produzem releituras afrocentradas da peça trabalhada, histórias em quadrinhos, pinturas, poesias, entre outros.



[Clique aqui e assista ao vídeo de Marieli](#)



No início, são mais retraídos, como se não quisessem aparecer. Com o passar do ano, eles começam a se perceber como potência, como capazes, eles se apropriam daquilo. Eu fico muito orgulhosa.



Resultados

Marieli relata que uma das coisas mais marcantes é a mudança na forma como alunas e alunos usam o cabelo, justamente pelo cabelo crespo ter uma representação muito forte na construção da identidade de pessoas negras. Além disso, a professora destaca que propôs que a peça de Shakespeare trabalhada em certa edição do festival fosse “A Megera Domada” e as turmas identificaram na personagem principal características feministas. As discussões em torno da temática possibilitaram que fossem compartilhados questionamentos e dúvidas e, dessa forma, a professora pôde desconstruir ideias equivocadas a respeito do movimento feminista.

”

A língua inglesa amplia o repertório cultural. A gente entra na sala de aula com o nosso currículo, mas acabamos sendo uma ferramenta para esses alunos se conectarem com o mundo.

Sala de aula como um espaço seguro para alunas e alunos



Gabriel Mota

Manaus – Amazonas

Leciona inglês para turmas do Fundamental I e II, Ensino Médio e na EJA

Gabriel é professor de inglês do município e do estado do Amazonas, atua há mais de dez anos e tem forte participação política em sua cidade. Ele é fundador de uma casa de acolhimento para a população LGBTQIA+ e refugiados. Com uma rotina intensa de trabalho, **leciona inglês em todos os turnos e é professor de mais de 500 estudantes**. Acredita que a sala de aula é um espaço de transformação e desenvolve práticas voltadas às questões de gênero e raça já com as séries iniciais da Educação Básica. Para Gabriel, o inglês é uma importante ferramenta para fomentar reflexões nas pessoas a respeito do mundo em que vivem.



Prática

Em sua prática, Gabriel prefere produzir seus próprios materiais, pois acredita que, assim, consegue trazer a realidade de alunas e alunos e alcançar os objetivos de aprendizagem, tendo em vista o grande número de estudantes negras e negros, indígenas e de origem venezuelana em suas turmas. O professor cria aulas muito diversas, utilizando ferramentas virtuais, jogos, quizzes, além de filmes, desenhos animados, músicas e literatura. Em 2021, com as turmas de 9º ano, Gabriel realizou oficinas de gênero e sexualidade, em que as turmas foram convidadas a escolher alguns temas a serem abordados em sala de aula. O professor destaca a roda de conversa sobre prevenção combinada ao Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), que, além de trazer informações sobre a saúde, trabalhou conceitos-chave em inglês. Além disso, o machismo foi outro tema escolhido e gerou muitas discussões e mudanças na forma como alunas e alunos interagem.



O que me motiva é ser um agente de transformação através da minha área de conhecimento.



Resultados

Gabriel percebe que, a partir das intervenções, ao mesmo tempo em que as turmas começam a se relacionar de forma mais respeitosa, cria-se um vínculo com o professor e as alunas, favorecendo um local seguro de acolhimento, em que elas se sentem confortáveis para compartilhar suas experiências pessoais.



[Clique aqui e assista ao vídeo de Gabriel](#)



”

Eu lembro de um tempo em que ninguém dava a menor importância para a discussão racial. Então, eu temo que isso passe.

A importância das narrativas para a discussão racial



Joelma Santos

Salvador – Bahia

Leciona inglês para o Ensino Médio Técnico e Ensino Técnico

Joelma Santos é doutora em Linguística Aplicada pela UFBA e cresceu em um ambiente de forte militância pela questão racial. Na graduação, incomodava-se com as poucas referências a pessoas negras e sempre buscava trazê-las para sua formação. Trabalha há 14 anos em uma instituição pública de ensino e dedica-se academicamente à formação de docentes.



Prática

O trabalho desenvolvido por Joelma em sala de aula é voltado para a leitura e escrita. O ano letivo é dividido por projetos e quando o tema é raça, as turmas fazem trabalhos de autobiografia e biografia de uma pessoa não famosa, que faça parte de seu cotidiano. Joelma conta que, nesse processo, surgem muitos personagens interessantes, como a merendeira da escola, o cobrador de ônibus, a baiana do acarajé, que, em sua maioria, são pessoas negras.

Por compreender que uma parcela de estudantes deseja aprender mais, Joelma oferece uma vez por ano um curso de inglês de extensão na instituição em que trabalha e, assim, pode desenvolver mais aspectos do ensino da língua inglesa.

Além disso, como parte de sua pesquisa de doutorado, a professora ofertou um curso voltado para a formação de docentes intitulado “Questões étnico-raciais e culturais

”
É muito importante que a gente fortaleça a questão da representatividade. Eles precisam ver pessoas pretas sendo representadas em lugares de destaque.

de matriz africana no ensino de inglês”, que contou com a participação de dez professoras e professores. O curso resultou em um livro com atividades desenvolvidas pelo grupo. “*Black Matters Matter: Teaching English by Teaching About Race*” é um livro com 40 atividades voltadas para o ensino de inglês que traz representatividade para as pessoas negras e em breve será publicado pela Editora da UFBA.



[Clique aqui e assista ao vídeo de Joelma](#)



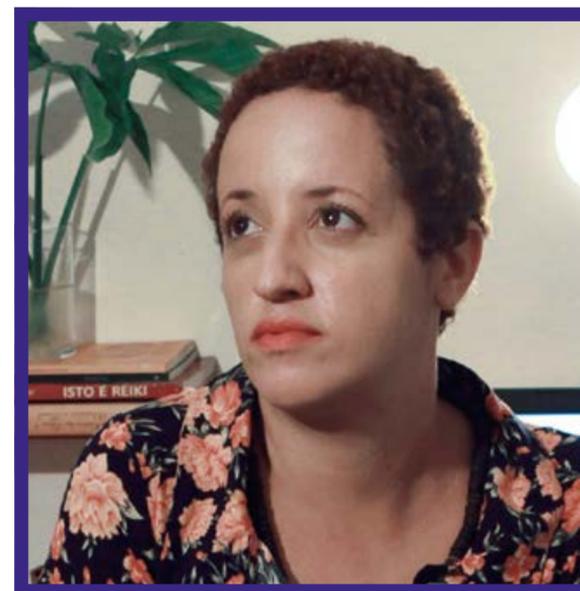
Resultados

No território onde se encontra a instituição em que Joelma trabalha, há três comunidades quilombolas, o que favorece que estudantes negras e negros sejam uma parte significativa do corpo discente. Assim, Joelma nos conta que as turmas se interessam e participam ativamente das discussões, pois precisam desse espaço para narrar situações que já vivenciaram, o que a professora chama em sua tese de doutoramento de “*healing storytelling*”.

”

Eu tenho a esperança de que a língua seja um mecanismo de acesso e poder, mas, também, de humanização.

Inglês como ferramenta de humanização



Délvia Fox

Recife – Pernambuco

Leciona inglês para as turmas de Fundamental II, Ensino Médio e atua com formação de docentes

Délvia Fox é professora de inglês há 17 anos, leciona português em projetos sociais, atua na formação de docentes e é mestranda em Sociologia. A partir de suas experiências em sala de aula em contextos educacionais muito diversos e de suas vivências e inquietações pessoais, a professora compreendeu cedo a necessidade de uma prática que envolve, questiona e leva em consideração a diversidade ou, como Délvia gosta de chamar, uma “prática social”.

Prática

Para Délvia, é importante que sua prática em sala de aula priorize a **construção da cidadania e a sensibilização de estudantes para as questões humanas**. Dessa forma, a professora, sempre atenta com os acontecimentos mundiais, entende o ensino da língua inglesa como uma ponte para legitimar as demandas dos grupos invisibilizados.

As temáticas de gênero e raça são recorrentes em seus cronogramas. E é utilizando os mais variados recursos, como memes, mímica, músicas, campanhas televisivas, recursos audiovisuais e sempre com referências regionais, que Délvia cativa alunas e alunos e percebe mudanças.

A prática não se encerra no muro da escola. Então a possibilidade é que provoque reflexão, porque ela não é algo só gramatical, também é social. Quando a gente amplia essa possibilidade do social da língua, a prática vai ganhando maior significado.

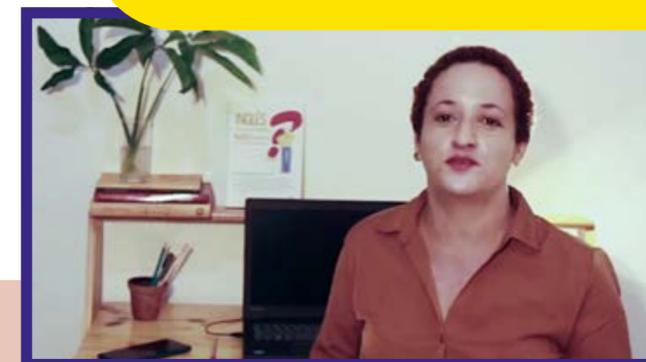
Segundo ela, além de participarem de forma comprometida, é possível perceber as meninas mais fortalecidas e informadas, sobretudo as negras, a respeito do corpo, estética e da importância em não serem objetificadas e, também, onde buscar ajuda caso vivenciem situações de violência.

Resultados

Délvia nos conta que, em uma de suas iniciativas, **organizou um grande evento na escola** para celebrar o mês da Consciência Negra e, além de diversas atividades, como debates, filmes e apresentações, houve uma oficina de *box braids* para quem desejasse trançar seus cabelos. A professora, que tanto trabalha a questão da representatividade de jovens negras, se emocionou ao ver que meninas negras que antes preferiam seus cabelos alisados optaram pelos *braids*.



Clique aqui e assista ao vídeo de Délvia



”

Professor é resistência, sabe a importância do trabalho dele.

Representatividade de pessoas negras no ensino de inglês



Cecília Gusson

Ibaiti – Paraná

Leciona inglês para as turmas de Fundamental II e Ensino Médio – Escola Pública

Cecília é professora de inglês, atua na direção de uma escola pública e é doutoranda em Estudos da Linguagem. Em 2020, a partir do acesso às discussões sobre raça, vivenciou um processo de reconstrução da sua própria identidade como mulher negra e, desde então, traz as **discussões antirracistas** para todos os seus contextos de atuação.



Prática

Em 2021, Cecília trabalhava em uma escola do campo e foi a partir do interesse de alunas e alunos e das referências que traziam que a professora trabalhou as questões étnico-raciais em sala de aula.

Com o intuito de associar o ensino da língua inglesa ao letramento racial, Cecília propôs para as turmas do 2º ano uma análise dos conteúdos do livro didático: “a população negra tinha sido representada?”. As alunas e os alunos foram instigados a avaliar se o material os representava e se era adequado para o contexto em que vivem. Já com as turmas do 3º ano, foi a partir de um exercício do livro didático que construíram narrativas autobiográficas e puderam compartilhar as próprias histórias. Cecília afirma que ficou positivamente impressionada com o repertório das turmas sobre a temática racial.



[Clique aqui e assista ao vídeo de Cecília](#)



Trabalhar com as questões étnico-raciais é trabalhar com sensibilidade, pois você está lidando com a construção da identidade de crianças e adolescentes.



Desdobramento

No ano 2021, preocupada com a formação continuada e crítica de docentes, Cecília ofereceu um curso online de educação antirracista na Educação Básica para docentes de todo o Brasil. Ao todo, 20 professoras e professores participaram de dez encontros em que tiveram a oportunidade de debater sobre história, racismo estrutural, branquitude, representações, resistências e a prática educacional antirracista.

”

O país precisa se preocupar com as questões de justiça social e é por isso que eu me insiro nesse trabalho, a minha práxis como educador é justamente olhando para essas questões sociais.

O ensino de inglês como possibilidade de sensibilização para o sofrimento humano



Dânie Jesus

Cuiabá – Mato Grosso

Leciona inglês para turmas de graduação e pós-graduação no Ensino Superior

Dânie leciona há 30 anos e já trabalhou em diversos contextos, desde a Educação Básica e cursos de inglês até a pós-graduação. Ele acredita que as questões de gênero e raça devem estar presentes no cotidiano do ensino da língua inglesa e que as aulas não são pensadas para, obrigatoriamente, causar mudança de comportamento e sim para dar visibilidade a questões sociais que, muitas vezes, não aparecem no cotidiano das alunas e dos alunos. Foi o primeiro professor na Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) a orientar um aluno surdo e uma aluna transexual.



Prática

Dánie propõe o ensino voltado para o letramento crítico, e expõe sua grande preocupação, pois se, por um lado, as turmas precisam desenvolver a competência linguística pragmática, também precisam discutir e entender o contexto político-social em que vivem. O professor defende que é importante **favorecer a reflexão de estudantes para que possam construir as suas próprias ideias**, enxergando o outro, e oportunizar uma mudança de postura. De acordo com Dánie, em todas as suas aulas e materiais, os conteúdos sobre gênero e raça estão presentes, pois para ele a mudança necessária na educação é fazer com que as pessoas consigam enxergar o óbvio – a importância das questões sociais. Seu próximo projeto, em parceria com a universidade, é ofertar um curso de inglês para pessoas com deficiência visual a todo o Brasil. Dánie também pretende construir um material de ensino de inglês para estudantes surdos, a fim de tornar esse ensino mais palpável para demais docentes.



[Clique aqui e assista ao vídeo de Dánie](#)

**“
Não dá pra você ensinar qualquer coisa se não levarmos em consideração que nós somos um país racista.”**



Resultados

Ao longo de sua carreira, Dánie já recebeu muitos retornos positivos de alunas e alunos, o que faz com que sinta muito orgulho de seu trabalho. Já vivenciou experiências marcantes, como um aluno que se percebeu como machista em sua aula e, a partir disso, conseguiu pensar em como mudar; uma aluna que resolveu ser professora de inglês por admirá-lo enquanto professor. Dánie explica que o papel dele, o resultado que espera, é o de **sensibilizar para a dor humana**.

”

O inglês afrocentrado é um caminho de resistência, de quebra de paradigmas.

Literatura afrocentrada para um futuro melhor



Diná Todão

São Paulo – São Paulo

Leciona inglês para turmas de 1º ao 4º ano do Fundamental I

Dinalva Todão, ou Diná, como prefere ser chamada, já lecionou português para as turmas de Fundamental II e EJA. No entanto, foi no ensino da língua inglesa, na Prefeitura de São Paulo, para os anos iniciais do Fundamental, que ela encontrou a sua paixão. Seu interesse sobre as boas práticas em raça começou em 2018, a partir das iniciativas de seu companheiro, que é professor de matemática e atua em uma escola pública engajada com as questões raciais. Diná, então, começou a se perguntar como poderia trabalhar o inglês afrocentrado com as crianças e foi assistindo a uma live que encontrou uma colega que desenvolvia o mesmo trabalho e a encorajou a iniciar essa jornada em sala de aula, em 2021.



Prática

Compreendendo que deveria adaptar suas aulas para que os conteúdos afrocentrados fizessem sentido para as crianças, Diná optou por trabalhar com literatura. E é a partir de livros infantojuvenis com personagens negros que ela, além de ensinar os conteúdos de inglês, dá visibilidade para as pessoas negras, questiona preconceitos e apresenta aspectos culturais africanos. Como, por exemplo, as crianças do Vale do Omo na Etiópia, com suas pinturas corporais características do seu povo. E Diná não para por aí: apresenta filmes para as crianças e monta exposições dentro da sala de aula sobre os livros trabalhados.

Estamos acostumados a entender que inglês é Estados Unidos e Inglaterra. E por que não trazer outros países que falam inglês, como os países do continente africano? Para a criança preta se reconhecer e a criança branca entender que não é só ela.



[Clique aqui e assista ao vídeo de Diná](#)



Resultados

Para Diná, a mudança em sua prática foi desafiadora e transformadora: ela não se enxerga mais na professora que era. Afirma vivenciar um momento de desconstrução, em que acredita estar contribuindo para uma sociedade menos desigual. Além disso, percebe a mudança nas crianças também. Segundo Diná, colegas docentes relatam situações entre estudantes, como, por exemplo, quando uma criança pediu emprestado ao colega um lápis “cor de pele” e outro aluno o repreendeu: “você não lembra o que a *teacher* falou? De que cor de pele você está falando?”.

”

Na minha opinião, uma das coisas mais preocupantes da discriminação racial é negar direitos e negar a nós, pretas e pretos, o conhecimento da nossa própria história.

Experiências pessoais que inspiram a prática em sala de aula



Magna Silva

Rio de Janeiro – Rio de Janeiro
Leciona inglês para turmas de Fundamental I e Ensino Profissionalizante

Magna Silva é professora de inglês em instituições públicas de ensino e leciona português em um projeto social voltado para as minorias étnicas. Foi por intermédio de uma colega que começou a ter mais proximidade com as reflexões sobre a temática racial. Para Magna, que vivenciou situações de racismo e preconceito desde a sua infância como menina negra e, já adulta, como professora de língua inglesa em instituições particulares de ensino, trabalhar as questões raciais de forma sistemática era uma necessidade.



Prática

Desde 2010, Magna desenvolve trabalhos sobre raça e, na pandemia, teve a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos a partir de cursos afrocentrados que a ajudaram a aprimorar a sua prática. As propostas em sala de aula são baseadas em temas em que busca **desconstruir a representação simbólica do negro** e, para tanto, utiliza filmes, livros, músicas e debates. Os slogans como “*I have a dream*”, de Martin Luther King Jr., por exemplo, servem como base para um momento de discussão em sala de aula, para que, posteriormente, as alunas e os alunos produzam cartazes sobre o tema.

”
É uma questão para o pessoal da escola – eu, de inglês, querer trabalhar com cultura brasileira. Eu trabalho a língua inglesa, mas tento trabalhar a reflexão dos alunos.



[Clique aqui e assista ao vídeo de Magna](#)



”
Quando a gente vê situações de preconceito, não tem como não acionar um gatilho. Então, eu sou mesmo engajada por uma questão pessoal e porque eu teria sofrido menos se eu tivesse profissionais para me ajudar a refletir sobre isso.



Resultados

Para a professora, as suas práticas sobre raça atuam na ordem do simbólico, e favorecem mudanças importantes, porque para parte das turmas essa **é uma das poucas oportunidades em que terão acesso a um repertório diferente do seu núcleo familiar.**

”

Ser capaz de dar subsídios para que os estudantes sejam falantes capazes e críticos também da língua inglesa.

Conhecimento para a transformação social



Djair de Souza

Porto Velho – Rondônia

Leciona inglês para o Ensino Médio

Djair de Souza é professor de inglês, atualmente leciona para as turmas de 1º ano do Ensino Médio. A escola onde atua oferece o Ensino Médio em tempo integral e, por isso, leciona outras disciplinas, além do inglês, como tutoria, disciplina eletiva e estudo orientado. Em 2020, o professor retornou para a sala de aula, após um longo período trabalhando na Secretaria de Estado de Educação, mas seu trabalho sempre esteve relacionado ao ensino de inglês. Para Djair, as questões raciais, de gênero, de identidade e sexualidade são fundamentais para o desenvolvimento de estudantes. Ele, que está sempre antenado nas atualidades mundiais, acredita que jovens são pessoas mais abertas para mudanças.

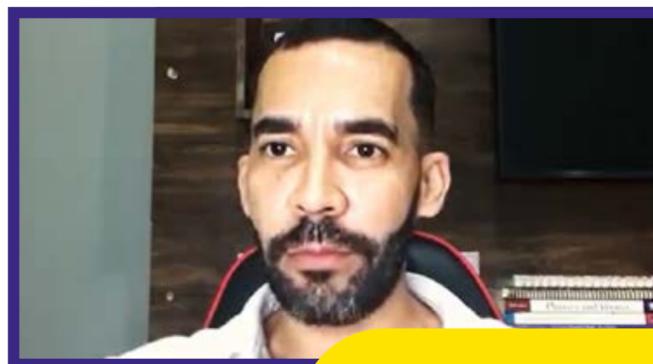


Prática

Em sala de aula, Djair opta por trabalhar análises de textos com suas turmas, observando as estruturas usadas, **de forma que compreendam a gramática na prática**, enquanto discutem questões sociais importantes. Mas, para isso, é necessário a participação e interação com as alunas e os alunos, o que se mostrou difícil durante a pandemia.

No período de aulas online, Djair promoveu duas *lives* voltadas para as questões de raça. Dois palestrantes convidados discutiram com as turmas sobre as desigualdades, a meritocracia, o movimento “*Black Lives Matter*” e o mercado de trabalho.

Djair também ministrou uma disciplina eletiva que abordou a questão do gênero neutro, fazendo comparações entre a língua inglesa e o português e mostrando como a língua é viva e se modifica, evolui juntamente com a sociedade.



[Clique aqui e assista ao vídeo de Djair](#)



Eu sempre percebo uma mudança de mentalidade, pelo menos na maneira de falar. Na hora de fazer o posicionamento deles, melhorarem a argumentação, você percebe uma tendência a serem mais inclusivos.



Resultados

Entre os anos de 2020 e 2021, diante do cenário de aulas online, **cerca de 900 estudantes conseguiram participar de suas aulas voltadas para as questões de gênero, raça e identidade**. Djair acredita que essas iniciativas são importantes para que alunas e alunos se reconheçam como negras e negros, já que são a maioria na escola, e entendam as questões que permeiam a sociedade, de forma que tenham ferramentas para mudá-las.

”

Questionar os padrões, as relações de poder, as desigualdades, também faz parte do processo de educação linguística que os formadores de professores têm que ter em mente.

A sala de aula como um espaço social: enxergando brechas



Matheus Utim

Itaberaí – Goiás

Leciona inglês para turmas de 9º ano do Fundamental II e Ensino Médio

Matheus é professor de inglês de uma escola pública no estado de Goiás e mestre em Língua e Interculturalidade. Seu interesse pela língua inglesa começou muito cedo, ainda na infância, quando passava os finais de semana ouvindo músicas com os pais. No entanto, ele só compreendeu a importância de abordar as temáticas de gênero em sala de aula após cursar uma disciplina no mestrado sobre o ensino de línguas e diversidade. Foi a partir dessa experiência que Matheus mudou a sua prática em sala de aula. Para o professor, o maior desafio do ensino de inglês é romper com a ideia de que devemos falar inglês como “nativos”, afirmando que fala o inglês “goiano”, já que o seu sotaque é parte de sua identidade.



Prática

Para Matheus, a sala de aula é um lugar imprevisível; por isso, sua prática, além do conteúdo planejado, conta com as brechas que as turmas e os acontecimentos mundiais possibilitam. Um exemplo de brecha foi o trabalho que o professor desenvolveu com o 9º ano, no Dia Internacional da Mulher, aproveitando imagens de um vídeo que recebeu pela internet. Matheus levantou uma discussão sobre a forma como a sociedade impõe um ideal de corpo feminino, buscando incentivar nas alunas e nos alunos a análise crítica do discurso machista a que as mulheres estão submetidas. Com as turmas do Ensino Médio, o trabalho foi a partir de uma entrevista de Maria da Penha Maia Fernandes à BBC News Americana, em que puderam analisar e discutir sobre violência contra a mulher.



[Clique aqui e assista ao vídeo de Matheus](#)



Aprender inglês não é aprender só regras gramaticais, regras linguísticas, é você aprender aspectos linguísticos, identitários, culturais, sociais. É um pacote.



Resultados

Durante as rodas de discussões propostas, Matheus observa que as turmas começam a se dar conta de como as questões de gênero impactam as mulheres. As alunas se sentem confortáveis para relatarem suas experiências e isso gera questionamento nos outros alunos. O professor relata que é comum que alunas e alunos entrem em contato pelas redes sociais para discutir temas apresentados na aula.

A pandemia de Covid-19 e o acesso ao ensino de inglês



+5 milhões

de crianças e adolescentes estavam fora da escola em 2020 (UNICEF, 2020)

Segundo dados da UNICEF (2021), com a pandemia do SARS-CoV-2, ao final de 2020 eram mais de cinco milhões de crianças e adolescentes fora da escola ou sem atividade escolar. O índice de evasão foi altíssimo; a Busca Ativa Escolar – estratégia oferecida aos estados e municípios para garantir o direito ao acesso de crianças e adolescentes à escola – foi essencial, pois tomou-se conhecimento da situação que uma parcela de estudantes enfrentava.

Podem falar o que quiserem da escola pública, mas a escola cuida das crianças.

Cecília Gusson

A partir dos relatos de docentes aqui entrevistados, percebeu-se que foram numerosos os casos em que as crianças e suas famílias conviviam com a fome. As escolas lutaram para os ajudar, distribuindo cestas básicas, materiais de higiene, atendendo às famílias, pois as escolas não pararam.

Para as professoras e professores, ficou evidente que o acesso à internet e aos equipamentos que possibilitavam o ensino remoto ou híbrido foi uma

questão que os estados tentaram contornar de maneiras diferentes. Algumas escolas puderam oferecer dispositivos para que alunas e alunos tivessem acesso às aulas, mas o acesso à internet não funcionava bem. Outras escolas abriram suas portas para que parte das turmas assistissem às aulas de dentro da escola, mas poucas famílias aderiram, com medo do contágio. Ainda houve a distribuição de apostilas e, em alguns estados, as aulas eram oferecidas por um canal do Youtube e pela TV aberta. Entretanto, muitas alunas e alunos não possuíam aparelho de televisão. De fato, as escolas se empenharam em favorecer o acesso às atividades, mas com pouco sucesso.

Docentes, por sua vez, tiveram que se reinventar e relatam dificuldades no processo. Trabalharam muitas horas a mais, pois além de preparar as aulas ainda precisaram atender às turmas pelas redes sociais e Whatsapp. Muitos utilizaram ferramentas online para adaptar as aulas de inglês nesse período, sempre



A pandemia veio para potencializar as desigualdades sociais. Aquele aluno que passava por problemas sociais, ficou muito mais evidente. Nós temos alunos que iam para escola para comer. E aí, se não estava indo para escola?

Diná Todão

buscando tornar a aula mais lúdica; entretanto era frequente que os vídeos de estudantes ficassem desligados e a participação era eventual.

Outra questão importante é a respeito da **saúde mental de docentes e estudantes**. Relatos de transtorno de ansiedade e depressão em estudantes se tornaram frequentes e também entre professoras e professores. Inclusive relataram medo e ansiedade no momento de retorno ao ensino presencial.

Os desafios enfrentados por docentes no ensino da língua inglesa



As dificuldades impostas a docentes de língua inglesa já são amplamente conhecidas. As professoras e professores que fizeram parte deste projeto também compartilham dessas questões. Os desafios que apareceram nas entrevistas estão basicamente relacionados a quatro temas: formação de docentes, questões relativas à sala de aula, material didático e o “lugar” do inglês.

Sobre a formação de docentes, as críticas giram em torno da pouca orientação que as graduandas e graduandos recebem para o dia a dia em sala

de aula; da dificuldade das professoras e professores em se expressar no idioma; e a respeito do projeto de curso que, na maioria das vezes, é voltado para o eixo Estados Unidos e Inglaterra. Nesse cenário, encontrar referências a outros países que têm o inglês como língua oficial é um desafio, como, por exemplo, países africanos, sendo o ensino voltado, com frequência, para representações da branquitude, dificultando que docentes em formação compreendam a necessidade de uma prática voltada para as questões de raça, por exemplo.

”

Quando eu fiz graduação, não me foi alertado que aquela teoria era para turmas ideais. Na prática não funciona daquele jeito. Como lidar com a parte emocional dos alunos, por exemplo? Eu aprendi na marra, não teve essa preparação.

Marieli de Jesus

”

Trabalhar as habilidades de escuta, de escrita, de fala e pronúncia na língua inglesa é realmente um desafio por causa da superlotação e da falta de estrutura das escolas.

Délvia Fox



turmas de inglês por docente, em média (Censo Escolar da Educação Básica, 2020)

Numerosas turmas, salas com grande número de estudantes, poucos recursos institucionais, pouco tempo de aulas semanais são questões que as professoras e os professores relataram. Segundo dados do Censo Escolar da Educação Básica (2020), a média de turmas por docente chega a 13. No caso da língua inglesa, esse número chega a sete turmas por docente.

O material didático para o ensino de inglês também aparece como um desafio, pois, na maioria das vezes, os temas contidos não dialogam com as diferentes realidades das alunas e alunos. Dessa forma, produzir seus próprios materiais para as atividades em sala de aula é uma realidade de docentes.

Por fim, as professoras e os professores questionam o “lugar” de menor prestígio que o inglês ocupa na Educação Básica perante as outras disciplinas, pois são as aulas mais sacrificadas quando as escolas precisam usar o tempo para determinadas atividades e, ainda, docentes de inglês e de educação física, que “tapam os buracos”, na ausência de docentes de outras disciplinas. Esse “lugar” do inglês também fala da forma como parte do corpo docente compreende o aprendizado em língua inglesa, não percebendo a importância do conteúdo.

Obviamente que os desafios mudam de acordo com os contextos, mas as questões levantadas anteriormente oferecem um panorama para o avanço do ensino de inglês no país. Apesar de o inglês ainda ocupar um papel marginal na Educação Básica, todas as professoras e os professores entrevistados enxergam o ensino do idioma como uma ponte para o conhecimento, uma ferramenta de transformação social e de humanização de indivíduos.

”

Muitas vezes, os materiais didáticos que a gente recebe para trabalhar em sala de aula trazem um contexto que está muito aquém da realidade dos meus alunos. O livro didático muitas vezes não contempla a realidade.

Gabriel Mota

”

E outro impasse é essa significação da língua inglesa, é o famoso ‘vou usar pra quê?’. Então, a gente fica com desafios constantes do início ao fim do ano.

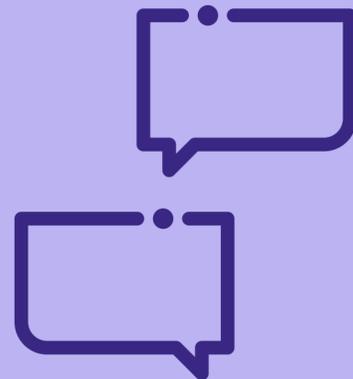
Délvia Fox

Expectativas para o futuro

”

Espero que o trabalho de educação linguística crítica se expanda para o Brasil. Para a gente tentar desconstruir um pouco esse mundo machista, patriarcal, racista, gordofóbico, da branquitude, para entender um pouco que existem outras formas de ser e se envolver no mundo, de reinventar a realidade.

Matheus Utim



”

O inglês virou algo sem fronteiras. Se não tem fronteiras, a gente precisa agora falar de todo mundo, com a compreensão muito mais forte da importância de pensar a cultura. Então, se a gente vai pensar a língua pelas pessoas, a gente precisa levá-las a sério.

Délvia Fox

”

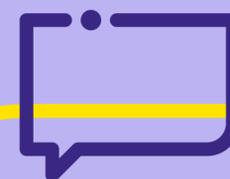
Então, muita coisa aconteceu para que a discussão racial estivesse agora atravessando o ensino de línguas também. O que eu queria é que o núcleo de formação de professores das universidades, os cursos de Letras, altere os seus currículos básicos regulares obrigatórios.

Joelma Santos

”

A minha expectativa é que a gente consiga, metodologicamente, encontrar um ponto de equilíbrio para trabalhar e atender a esses anseios da BNCC, mas, ao mesmo tempo, ser capaz de dar subsídios para que os estudantes sejam falantes, capazes e críticos também da língua inglesa.

Djair de Souza





OBSERVATÓRIO
ENSINO DA
LÍNGUA INGLESA

www.inglesnasescolas.org/